

FRIDAS, FLÓRIAS E OS “HOMENS DE DEUS” NO INÍCIO DO MOVIMENTO PENTECOSTAL BRASILEIRO: UMA TEOLOGIA DE DOMINAÇÃO¹

Fridas, Flórias and the “God’s Men” In the Beginning of Brazilian Pentecostalism: A theology of domination.

por

Valéria Cristina Vilhena*

Universidade Metodista de São Paulo

valeriaegustavo@gmail.com

Resumo

O processo de dominação e poder, solidificado pelo sistema patriarcal, adentra nas igrejas judaico-cristãs, particularmente depois da sistematização teológica produzida por Agostinho de Hipona. Desde então conceitos de culpa e pecado são interpretados, manipulados e perpetrados através de papéis sociais definidos para homens e mulheres nos meios cristãos como formas de justificação e de sacralização das desigualdades sociais por teologias de dominação. Uma análise de gênero da personagem fictícia Flória Emília, como concubina de Agostinho, o santo Agostinho, e, Frida Maria Strandberg, missionária sueca, esposa do fundador das Assembleias de Deus no Brasil, projetarão a representatividade da subalternidade implementada por tal teologia que submete mulheres da igreja, até os dias de hoje, em sua cotidianidade a inúmeras violências. Da implantação até o início das Assembleias de Deus no Brasil, desde Flórias a Fridas, as mulheres cristãs brasileiras continuam submetidas a um projeto de poder teológico masculino.

Palavras-Chave: Gênero; Teologia de Dominação; Frida Maria Strandberg.

¹ Este artigo faz parte das pesquisas doutorais e da tese defendida em 2016, sob o tema: Um olhar de Gênero Sobre a Trajetória de Vida de Frida Maria Strandberg (1891 -1940) / Valéria Cristina Vilhena. Tese (Doutorado em Educação, Artes e História Cultural) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016.

* Doutora em Educação, Arte e História da Cultura. Pós-doutorado (em andamento) em Religião, Sociedade e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Mestra em Ciências da Religião e graduada em Teologia. Atua na formação continuada de professoras e professores da rede pública de São Paulo. É Fundadora do Movimento EIG - Evangélicas pela Igualdade de Gênero e é autora de livros na área de Gênero, Violência e Cultura. Atualmente é pesquisadora do Grupo de Pesquisas CNPq-UMESP: Memória Religiosa e Vida Cotidiana.

Abstract

The process of domination and power, solidified by the patriarchal system, enters the Judeo-Christian churches, particularly after the theological systematization produced by Augustine of Hippo. Since then, the concepts of guilt and sin are interpreted, manipulated and perpetrated through social roles defined for men and women in Christian circles as forms of justification and sacralization of social inequalities by theologies of domination. A gender analysis of the fictional character Floria Emilia as Augustine's concubine, Saint Augustine, and Frida Maria Strandberg, a Swedish missionary, wife of the founder of the Assemblies of God in Brazil, will project the representativity of the subalternity implemented by such a theology that subjects women Church, to this day, in its daily life to innumerable violences. From the implantation until the beginning of the Assemblies of God in Brazil, from Floras to Fridas, Brazilian Christian women continue to undergo a project of male theological power.

Keywords: Gender; Theology of Domination; Frida Maria Strandberg.

Resumen

El proceso de dominación y poder, solidificado por el sistema patriarcal, atraviesa las iglesias judeocristianas, particularmente después de la sistematización teológica de Agustín de Hipona. Desde entonces, en los medios cristianos los conceptos de culpa y pecado son interpretados, manipulados y perpetuados, por teologías de dominación, a través de roles sociales definidos para hombres y mujeres, como forma de justificación y sacralización de las desigualdades sociales. Un análisis de género de Flória Emília (personaje ficticia) como concubina de Agustino, de San Agustín, y de Frida Maria Strandberg, misionera sueca, esposa del fundador de las Asambleas de Dios en Brasil, proyectarán la representatividad de la subalternidad implementada por tales teologías que someten en la vida cotidiana a mujeres de la iglesia, hasta los días de hoy, a innumerables violencias. Desde la implantación hasta el inicio de las Asambleas de Dios en Brasil, desde Flórias a Fridas, las mujeres cristianas brasileñas continúan sometidas a un proyecto de poder masculino.

Palabras clave: Género; Teología de dominación, Frida Maria Strandberg.

Introdução

“Deus sabe sobre tudo, não vou me defender, eu sou imperfeita, um dia tudo se tornará claro”.
(Frida Maria Strandberg, esposa do fundador das Assembleias de Deus no Brasil)

“Não posso esquecer o que aconteceu em Roma, e não penso mais em mim, pois não foi sobre mim que desencadeaste tua ira naquele dia. Foi sobre Eva, Excelência Reverendíssima, sobre a mulher. E aquele que faz mal a alguém ameaça a todos”.
(Flória Emília, amante de Santo Agostinho)

Frida Maria Standberg (1891-1940) foi uma missionária sueca enviada para o Brasil pela Igreja Filadélfia, de Estocolmo, em 1917, e que contribuiu na expansão do movimento pentecostal brasileiro, que resultou no movimento das Assembleias de Deus. Frida Maria no Brasil se casou com Gunnar Vingren, um dos fundadores das Assembleias de Deus brasileira,

Revista Cultura & Religião Vol. XI, 2017 Nº 1 (enero-junio)

Cómo citar este artículo: Vilhena, V.C. (2017). “Fridas, Flórias e os ‘homens de Deus’ no início do movimento pentecostal brasileiro: uma teologia de dominação”. *Revista Cultura & Religião*. Vol. 11(I). pp. 48-68.

mas o casamento já havia sido programado quando ele a conheceu na Suécia, em uma de suas viagens à terra natal. Frida Maria e Gunnar tiveram seis filhos.

Frida Maria trabalhou com igrejas no Norte do País, se transferindo para o Sudeste quando, ao lado do marido, Gunnar Vingren, trabalhou na implantação das Assembleias de Deus no Rio de Janeiro. Frida sofre no Brasil sistemáticas perseguições por ser mulher, especialmente pela pessoa de Samuel Nyström, o primeiro missionário oficial enviado pela igreja sueca Filadélfia. Em 1932, a família retornou para a Suécia depois do escândalo: o caso amoroso de Frida e um jovem da igreja carioca.

Flória é uma personagem fictícia, do escritor norueguês Jostein Gaarder (1997), de seu texto: *Vita Brevis*. O romance se dá em torno de um suposto achado de um antigo manuscrito, segundo o autor, cópia de um mais antigo pergaminho, contendo uma possível carta escrita pela concubina de Agostinho, antes de seu batismo na Igreja cristã em 387. A concubina é fato na vida de Agostinho, mas esse suposto pergaminho em resposta ao texto de Agostinho *Confissões* é ficcional. Trata-se de um belo texto espectral, em que, por intermédio da personagem Flória Emília, representante da amante de Agostinho, constrói-se uma contestação do abandono de que ela sofreu fruto do contexto cultural e das leis romanas que impediam o casamento de um cidadão da alta classe social com uma mulher de uma classe social reconhecida como inferior. O que tem a ver Frida com Flória que viveu há mais de quinze séculos antes? O texto passa servir como meio de análise de gênero, pois nos leva a discutir as ideias teológicas de Agostinho registradas no livro *Confissões* sendo contestadas por Flória, representando a jovem mulher que o Bispo de Hipona nunca revelou o seu nome, mas que possivelmente tenha passado por semelhantes situações que Flória, a personagem de *Vita Brevis* passou, devido questões culturais de gênero daquele contexto sócio-cultural.

A teologia de dominação patriarcal-misógina sistematizada especialmente pelo príncipe de Hipona, o Santo Agostinho, solidificou-se e atravessou séculos chegando até os dias atuais e nos balizará para compreendermos tanto o caso extraconjugal de Frida Maria, que foi tratado diferentemente de outros casos de ordem moral-sexual, bem como o impedimento de atuar à frente dos trabalhos da igreja e, por fim, seu apagamento da historiografia oficial das Assembleias de Deus no Brasil.

Nesta perspectiva voltamos aos tempos e atuação de Santo Agostinho (354-430) como o principal teólogo a sistematizar a ligação entre a moralidade cristã e o pecado original para reiterar a religião como um sistema simbólico (Geertz, 1989, p. 104) que atravessa a vida de quase todas as pessoas ocidentais e, assim, passam expressar o patriarcado como ethos característico da construção sócio-cultural a partir da história. É parte da construção teológica judaico-cristã medieval que até hoje permeia as igrejas pelas teologias de dominação, sustentar a exclusão das mulheres das tomadas de decisão, o que nada mais é do que reproduzir o que ocorre na sociedade patriarcal como um todo, que historicamente excluiu e ainda exclui as mulheres das tomadas de decisão da vida econômica-social-política-cultural.

Revista Cultura & Religión Vol. XI, 2017 N° 1 (enero-junio)

Cómo citar este artículo: Vilhena, V.C. (2017). "Fridas, Flórias e os 'homens de Deus' no início do movimento pentecostal brasileiro: uma teologia de dominação". *Revista Cultura & Religión*. Vol. 11(I). pp. 48-68.

A perpetuação de tal exclusão que vem sendo deslegitimada por diversos órgãos, movimentos e pelas próprias mulheres, que tem se assumido como sujeito histórico e rechaçado as relações hierarquizadas dos homens sobre as mulheres, sustenta ou serve para alicerçar relações de poder e dominação. A história da teologia cristã carrega sobre si a criação e/ou a sistematização de teologias de dominação que culpam as mulheres como veículos do mal, escorando a construção de uma concepção patriarcal do feminino no espaço religioso. Esta concepção patriarcal, conforme salienta Joan Scott (1991), não determina somente o poder do pai, mas o poder dos homens, ou do masculino, enquanto categoria social, isto é, o patriarcado é uma forma de organizar a vida das pessoas. Ou seja, as relações pessoais são regidas por princípios hierárquicos: no espaço social as mulheres estão hierarquicamente subordinadas aos homens; nos espaços eclesiásticos as mulheres estão igualmente subordinadas aos homens, mas “em nome e por ordem de Deus”, portanto, nas instituições sociais em geral as mulheres estão subordinadas aos homens.

Assim o sistema patriarcal se estabelece em nossa sociedade. É uma supremacia masculina ditando regras e valores. E, sobretudo regras e valores nos corpos femininos, na moral sexual e na sexualidade humana sempre mais rígida para as mulheres, já que a autonomia feminina é controlada pelos homens e, os homens têm claras vantagens em seus papéis sociais. Por isso Scott (1991, p.14), afirmará que “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder”. Analisar gênero, segundo Scott (1991) significa rejeitar justificativas biologizantes para as desigualdades sociais entre os sexos: “O uso do ‘gênero’ coloca a ênfase sobre todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas que não é diretamente determinado pelo sexo nem determina diretamente a sexualidade”. (Scott, 1991, p. 5).

Portanto, gênero imbricado com a religião e suas teologias medievais de dominação até hoje utilizadas para o controle dos corpos femininos nos permite perceber que a construção do patriarcado teve como grande aliada a religião judaico-cristã. Neste artigo, gênero será tomado como uma categoria analítica para apresentar e analisar a invisibilidade das mulheres na historiografia e indagar sobre suas consequências.

Frida Maria no Brasil incomoda a ordem vigente

Ao chegar ao Brasil, em 1917, Frida foi logo avisada que as mulheres não saíam ou realizavam coisas sozinhas, isto é, sem a presença de um homem. Então se reservou aos serviços domésticos e de assistência social da igreja. Em um primeiro momento, com a chegada de Frida, o trabalho social foi prioridade. A igreja na Suécia enviava roupas e dinheiro e os missionários iniciaram um orfanato e ensinaram as crianças a ler e escrever, por iniciativa de Frida. Mas foi por pouco tempo. Três meses depois de sua chegada Frida se casou com Gunnar Vingren e passou a atuar também nos trabalhos da igreja.

Revista Cultura & Religi3n Vol. XI, 2017 N3 1 (enero-junio)

C3mo citar este artigo: Vilhena, V.C. (2017). “Fridas, Fl3rias e os ‘homens de Deus’ no in3cio do movimento pentecostal brasileiro: uma teologia de domina33n”. *Revista Cultura & Religi3n*. Vol. 11(I). pp. 48-68.

Nyström desde a chegada de Frida ao Brasil tomou uma posição de ficar no encaixe de suas ações e escrevia sobre as atitudes de Frida para o líder pentecostal sueco, Lewy Pethrus, solicitando intervenção -e, essa era uma das formas de atuação para impedir ou dificultar os trabalhos de Frida-. As enfermidades e viagens eram uma constante na vida de Gunnar, isto significava que frequentemente Frida estava na liderança das igrejas. De início substituindo seu esposo, mas com o tempo como uma liderança independentemente de seu marido. Essa sua incontestável direção provocou ciúmes entre pastores brasileiros e entre missionários suecos, especialmente em Samuel Nyström. Desde sua chegada, como missionária sueca enviada para o Brasil pela Igreja Filadélfia, de Estocolmo, em 1917, tensões entre Frida e Samuel Nyström, foram descritas por Kajsa Norell (2011). A percepção de Frida de que as mulheres brasileiras estavam submetidas a muitas restrições em comparação às mulheres evangélicas pentecostais suecas fazia com que ela entrasse em embates com os demais missionários e pastores, mas especialmente com Nyström. Frida acreditava que o Espírito Santo de Deus a havia chamado para o ministério pastoral, esta sua crença lhe dava forças para os enfrentamentos. Norell (2011) descreveu tensões surgidas desde a formação do primeiro jornal da denominação, *Boa Semente* (1919), bem como na organização do primeiro hinário (1922), tendo o ápice desta tensão na fundação de um novo jornal, no Rio de Janeiro, por Frida, o jornal *Som Alegre* (1929). Norell (2011) avalia que foi Frida quem, em 1926, indicou a Gunnar, Emília Costa para ser primeira diaconisa da denominação.

Em 1924, as tensões estavam insustentáveis e a família muda-se para o Rio de Janeiro, nessa época o casal tem quatro filhos. No Rio de Janeiro Frida se percebe muito mais livre e esse fato tinha muito a ver de estar longe geograficamente de Samuel Nyström, que ficara na igreja sede em Belém do Pará. No Rio de Janeiro, a família Vingren continua a viver de maneira modesta, como a maioria das famílias da igreja. Frida informou certa ocasião aos irmãos suecos que muitas mulheres brasileiras que pregavam foram despejadas de suas casas, o que nos faz conhecer tanto a atuação das mulheres, como também é uma denúncia da situação desfavorável e empobrecida das brasileiras e brasileiros que o pentecostalismo alcançava.

Frida era “uma pregadora carismática, ela era poetiza, musicista, falava com muita energia e convicção e tinha um senso infalível de dramaturgia” (Norell, 2011, p. 113). Iniciou uma escola bíblica dominical na prisão, ponto de pregação iniciado por Celina Albuquerque, a primeira mulher batizada no Espírito Santo. Todo domingo à tarde, visitava a cadeia, uma realidade vergonhosa e nefasta brasileira desde então; cantava e lia a Bíblia para os presos: “Frida conta em seu diário que em uma ocasião um garoto foi estuprado por uns vinte presos”. (Norell, 2011, p. 112).

Mesmo no Rio de Janeiro, Frida continua colaboradora do jornal *Boa Semente*, escrevendo artigos para Nyström, que administrava o jornal em Belém. Ela trabalha incansavelmente. No entanto, em 1929, ao iniciar um novo jornal, *Som Alegre*, com um

Revista Cultura & Religión Vol. XI, 2017 Nº 1 (enero-junio)

Cómo citar este artículo: Vilhena, V.C. (2017). “Fridas, Flórias e os ‘homens de Deus’ no início do movimento pentecostal brasileiro: uma teologia de dominação”. *Revista Cultura & Religión*. Vol. 11(1). pp. 48-68.

conteúdo mais amplo do que o *Boa Semente*, em parte entendemos que este foi o ápice e o modo que Frida encontrou de ganhar a independência total – de seu grande “vigia”, por outro alimentou ainda mais o medo e a repulsa de Nyström e os demais homens contrários ao ministério feminino. Mesmo afirmando em carta para a Suécia que o jornal não era em oposição ao de Belém, as tensões aumentaram.

A saúde de Gunnar é frágil. Suas febres e enfermidade se intensificam. Na mesma proporção, as responsabilidades de Frida aumentam. Ela toma conta de tudo, e mesmo recebendo ajuda de outra mulher para os cuidados com as crianças, que em 1928 eram seis, ela é a principal responsável por Vingren e as crianças; a principal responsável pela igreja e os trabalhos evangelísticos e das demais congregações.

Mas a despeito da delicada situação de saúde de um dos fundadores das Assembleias e de toda contribuição de Frida Maria Strandberg para o início do Movimento Pentecostal brasileiro, desde 1917, quando chegou a terras brasileiras, trabalhando incansavelmente nos “bastidores”, mas também como “protagonista” à frente dos trabalhos eclesiais pregando e tratando de questões de ordem administrativas e de liderança, além dos jornais nada foi considerado na Primeira Convenção das Assembleias de Deus, ocorrida em setembro, de 1930. Consequentemente o trabalho das demais mulheres pentecostais, que arduamente atuaram para o progresso do Movimento Pentecostal também foi desconsiderado.

A reafirmação da ordem masculina se deu nesta primeira convenção assembleiana de 1930 e segue até os dias atuais. Samuel Nyström, antigo colega de Frida no Instituto Bíblico na Suécia, deixa muito claro, em diversas situações por nós analisadas, que ele esperava só mais uma esposa de pastor, mas chega Frida Maria Strandberg convicta de que Deus a havia chamado para o trabalho pastoral.

A Primeira Convenção das Assembleias de Deus, em 1930: espaço de poder

Na tentativa de resolver tais tensões, ou seja, a discordância de Samuel Nyström, que era também a discordância da maioria dos demais “homens de Deus” da igreja sobre a atuação punjante de Frida, no Rio de Janeiro e a criação por ela do novo jornal, que foi recebido como uma afronta de Frida contra Samuel Nyström, missionários e pastores organizaram a primeira Convenção das Assembleias de Deus no Brasil, em setembro de 1930. O clima de apreensão foi tão forte que Gunnar viajou para Suécia, a fim de trazer o presidente da igreja Filadélfia, de Estocolmo, a pedido de Frida, que confiava que seu pastor presidente, o líder Lewi Pethrus, que a enviara para a missão brasileira e que conhecia a atuação das mulheres suecas na vida da igreja e das missões entenderia e aceitaria seu trabalho. Assim foi feito, por um lado Samuel Nyström trabalha junto aos “homens de Deus” brasileiros no convencimento do perigo da atuação de Frida na igreja e por outro Gunnar e Frida chamam o líder sueco para a reunião.

Lewi Pethrus, o líder sueco, vem para a Primeira Convenção das Assembleias de Deus no Brasil, participa com pregações e delibera resoluções, dentre elas o veredito: o fim da

Revista Cultura & Religião Vol. XI, 2017 Nº 1 (enero-junio)

Cómo citar este artículo: Vilhena, V.C. (2017). “Fridas, Flórias e os ‘homens de Deus’ no início do movimento pentecostal brasileiro: uma teologia de dominação”. *Revista Cultura & Religião*. Vol. 11(1). pp. 48-68.

atuação de Frida e das demais mulheres assembleianas de estarem à frente de qualquer trabalho da igreja (podendo abrir exceção, por certo período, caso não houvesse homem capaz).

A segunda principal deliberação de Lewi Pethrus foi a unificação dos jornais *Boa Semente* e *Som Alegre*, fazendo nascer dessa junção, o jornal, até hoje oficial das Assembleias de Deus o *Mensageiro da Paz*, isto é, Frida não poderia mais atuar nem na igreja, nem no jornal unificado. Nos meses seguintes era esperada uma calma nesse cenário coberto de tensões. Porém os conflitos reaparecem com muita força após a publicação do primeiro número do jornal oficial *Mensageiro da Paz*, em dezembro daquele mesmo ano de 1930, em que o nome de Frida aparecia como a redatora do jornal. Houve uma reação muito forte por parte dos pastores, pois, no expediente do jornal vinha o nome de Frida e Carlos Brito como redatores, aliás, um acordo extra-oficial entre Gunnar Vingren e Samuel Nyström por não ter ninguém para colocar no lugar de Frida. Mas o acordo não foi assumido por Nyström.

Observemos o ambiente de luta pelas reações do secretário das missões suecas no Brasil ao relatar o ocorrido ao líder da igreja Filadélfia, em Estocolmo Lewi Pethrus:

Você pode imaginar querido irmão Lewi Pethrus tudo estava tão bem, todos os crentes aqui no Brasil louvaram a Deus por sua visita e conferência em Natal. Todos aguardavam ansiosos pelo novo jornal e quando chegou: “Redator: Frida Vingren”. Foi um tapa na cara. [...] Então, depois de um tempo, veio o artigo “O Pastor”, ele literalmente acendeu o fogo e as tensões ficaram ainda maior. Sinto que algo deve ser feito para que este trabalho glorioso não seja derrotado, pois não haverá volta. Todos os irmãos que eu conversei estão sofrendo com esse trabalho da irmã Frida. (Carta do missionário sueco Joel Carlson, de 12, maio, 1932, para Lewi Pethrus in Norell, 2011, p. 139)

No *Mensageiro da Paz* de 01 de fevereiro de 1931, Frida demonstra seu intento em lutar contra tal resolução contra ela e as demais mulheres. Depois de cinco meses da Primeira Convenção de 1930, ela escreve um artigo intitulado, “Deus mobilizando as suas tropas”:

Mobilização é um movimento permanente às guerras. É o acto de preparação das tropas para a lucta. Vivemos em tempos de apprehensões, guerras e revoluções e, em muitos paizes, tem havido, ultimamente, taes movimentos. Quando a guerra é declarada numa nação, chama-se o povo para a mobilização. (p.3)

A luta era interna e ninguém poderia ficar de fora, Frida prossegue:

A responsabilidade pela proclamação do reino, paira sobre nós. E o Rei (Jesus) espera que cada cidadão do seu reino, cumpra com o seu dever. Cada qual, no seu lugar, no seu posto, executando o serviço que lhe foi entregue. A primeira vez que Deus mobilizou as suas tropas, foi no dia de Pentecostes, quando o Espírito Santo foi derramado sobre os discípulos, no cenáculo.

Ela indaga:

Revista Cultura & Religi3n Vol. XI, 2017 N3 1 (enero-junio)

C3mo citar este art3culo: Vilhena, V.C. (2017). “Fridas, Fl3rias e os ‘homens de Deus’ no in3cio do movimento pentecostal brasileiro: uma teologia de domina33n”. *Revista Cultura & Religi3n*. Vol. 11(I). pp. 48-68.

E hoje? Deus ainda está mobilizando suas tropas? Sim, agora, para o último combate, que será travado antes da vinda de Jesus. A “câmara dos armamentos” ainda está aberta – quando quer. Sim, é verdade, mas, sabes também, que se não te apressares, ficarás atrás? O Senhor procura instrumentos que Ele possa usar agora. Ele não vai ficar esperando por alguns tímidos e orgulhosos, que não se conformam com as condições, nem com a sua direção, mas vão usar os humildes, os consagrados, que se apresentam voluntariamente. Quem tem um coração inteiro para o Senhor se apresente. (p. 3)

O último combate é das mulheres. De forma contundente Frida alertava que não estarão ao lado do Senhor aqueles que se acovardarem. Ela estava pronta para lutar e quem mais estaria? A luta agora seria para a sua própria sobrevivência, pelo lugar, pelo espaço que desejava e compreendia que deveria estar. Ela entendia que essa luta deveria ser de todas as mulheres que também atuavam na igreja, seja na liderança, na evangelização, no grupo de oração, nas visitas, em qualquer frente de trabalho. Ninguém deveria se intimidar.

É importante salientarmos que para esses “homens de Deus” todo o problema girava em torno do ministério de Frida e os “maus” exemplos que ela poderia dar às demais mulheres assembleianas – a de ser pastora, pregadora, redatora, musicista, e não ter como único foco a maternidade, os afazeres de casa. Essa situação atinge a igreja sueca que também faz apelos para que homens capacitados venham para o Brasil, assim não precisariam dos trabalhos de Frida: “Eles [os missionários brasileiros] precisam de homens. De preferência, com as mesmas qualidades de liderança como a de Frida e Adina, mas do sexo masculino”. (A.P. Franklin, líder da missão sueca, jornal da igreja, *The Harald*, in Norell, 2011, p. 115).

Enquanto Frida e as demais mulheres atuavam nos trabalhos de assistência social da igreja, tais serviços não incomodaram os homens da igreja, mas quando começou sua atuação à frente dos trabalhos eclesiais e, de início, começou, pela ausência de seu marido, a tomar conta cada vez mais da igreja os homens sentiram-se ameaçados a ponto de convocarem, articulados especialmente por Samuel Nyström a primeira Convenção. Frida escreve a Lewi Pethrus o líder da igreja sueca:

Agora, Samuel Nyström quer definir regras para uma irmã falar, faz diferença entre pregação e testemunho, faz diferença entre a pregação e a pregação. Eu só sei que o Senhor me deu uma mensagem para os crentes, para a edificação da vida espiritual. [...] É errado isso? Isso é pecado? (Carta de Frida a Lewi Pethrus in Norell, 2011, p. 134)

As mulheres evangélicas pentecostais eram e ainda são instadas a ter como modelo feminino, as mulheres submissas. As assembleianas cresceram sem conhecer Frida, embora tenha sido uma grande liderança do início do movimento pentecostal brasileiro, atuando por quase 16 anos de sua vida em prol do crescimento da Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Brasil.

Por causa de sua trajetória de liderança Frida Maria Strandberg ficou fora da historiografia oficial das Assembleias de Deus. Localizar esse apagamento apresenta-se

Revista Cultura & Religião Vol. XI, 2017 Nº 1 (enero-junio)

Cómo citar este artículo: Vilhena, V.C. (2017). “Fridas, Flórias e os ‘homens de Deus’ no início do movimento pentecostal brasileiro: uma teologia de dominação”. *Revista Cultura & Religião*. Vol. 11(I). pp. 48-68.

como um desafio necessário e complexo, para demonstrar a importância do tema diante de alguns fatos como a ausência da conscientização da denominação e das mulheres assembleianas que compõem 67% da denominação contra 33% de homens, no entanto, mesmo tendo o maior número de mulheres, elas não ocupam lugar de destaque na hierarquia ou nas esferas de poder. Esses homens da igreja – reconhecidos pela igreja como “homens de Deus” - reproduzem o sistema cultural patriarcal e misógino visto por Pierre Bourdieu (1998) como “capital”; um capital cultural, um capital de trocas inserido em um sistema simbólico de economia própria. Nesse sentido é importante estabelecer na trajetória de vida de Frida a perspectiva de gênero, a fim de revelar as opressões impostas pelos discursos ‘ditos e não ditos’ construídos pelos conceitos da sexualidade, do corpo feminino, da família, da maternidade e da loucura fabricada em meio ao campo religioso. Ao examinar as relações de gênero vigentes na trajetória de vida de Frida ficam expostas as relações de poder estruturadas no campo religioso.

O suposto adultério

No ano de 1931, próximo ao final do primeiro semestre, parece-nos que algo sério aconteceu nos bastidores, pois, tanto o nome de Frida como do outro redator, Carlos Brito, desapareceram do expediente do Mensageiro da Paz. Desde então uma série de rumores surgem dando conta de que um relacionamento extraconjugal teria ocorrido com Frida e um jovem. À frente desses rumores estavam o missionário Samuel Nyström e o jovem Paulo Leivas Macalão². Os meses seguintes foram marcados, possivelmente, por enormes pressões sobre Frida e Vingren.

Ora, essa denúncia tocou profundamente na moralidade da Assembleia de Deus que se tornou herdeira das pregações de pureza e de santidade da ala holliness do pentecostalismo norte-americano do qual o pentecostalismo brasileiro é oriundo³. Portanto, após o escândalo, em 1931, torna-se insustentável a permanência da família no Brasil, já que a perseguição contra Frida era latente desde sua chegada, por Samuel Nyström, o mesmo que organizou com

² Quando a família Vingren, em 1924/5, sai da igreja-mãe em Belém do Pará para continuar a igreja no Rio de Janeiro, deixando Samuel Nyström em seu lugar, encontra ali um jovem, Paulo Leivas Macalão, que será o segundo batizado da igreja carioca, o primeiro secretário, um ativo obreiro evangelizador e pastor consagrado em 1930, ainda solteiro e com 27 anos. Vingren lidera a Igreja da Missão no bairro de São Cristóvão, e Macalão, a “Igreja de Madureira”. O binômio, Missão-Madureira, prolifera por todo o país. Mas, como esclarece Gedeon: “Macalão vem de uma família rica, de tradição militar, portanto nacionalista. O governo de Getúlio e o tenentismo são um substrato conceitual importante na sua formação. Ele não aceitou se submeter à liderança de um jovem sueco - ou mais grave - e/ ou uma mulher.” (Alencar, 2013 p. 177.)

³ Linha de pesquisa tomada na Tese como fio condutor histórico, a “tradição quacre-metodista-holliness” para compreender o início do movimento pentecostal brasileiro.

os demais pastores brasileiros a Primeira Convenção das Assembleias de Deus, com a principal motivação – o afastamento de Frida da frente dos trabalhos eclesiais.

O que para os homens era insuportável, a capacidade e o chamado de Deus na vida de Frida Maria, segundo sua própria concepção teológica, após um escândalo de ordem moral-sexual torna-se intragável. Sua família é praticamente expulsa do Brasil. Alguns meses depois do retorno da família para a Suécia seu marido, Gunnar Vingren morre. Frida tentará voltar ao Brasil, mas será impedida de fazê-lo. Os homens da liderança da igreja não aceitaram seu retorno, poderia ter como explicação o suposto adultério, mas o casal na ocasião estava separado de corpos e agora (no momento que desejava voltar ao Brasil) ela estava viúva. Além de que outros escândalos de ordem moral sexual afetavam outros líderes. O que leva à tão cruel determinação de Samuel Nyström e os demais líderes, tanto do Brasil como da Suécia impedirem Frida de retornar ao Brasil? Sua condição de mulher capaz e independente foi o grande entrave. É importante salientarmos os fatos de que quando Frida e as demais mulheres ficam oficialmente impedidas de estarem à frente de quaisquer trabalhos eclesiais, isto é, na Primeira Convenção das Assembleias de Deus, em 1930, nada desabonava sua moral.

Impedida pelos líderes suecos de retornar ao campo missionário, especialmente com a colaboração de Samuel Nyström, que chega a viajar para a Suécia para tal fim, Frida Maria Strandberg passa a ser internada em hospitais psiquiátricos, por iniciativa e efetiva ação dos próprios líderes da igreja, morrendo em um deles em 1940.

Nunca um laudo médico fora dado no qual confirmassem alguma doença mental que justificasse suas internações, ao contrário, os registros se reservam a dizer que era teimosa, obstinada, incansável. Ela perde a guarda de seus próprios filhos a pedido de Nyström: “Ela precisa ficar internada e a guarda de seus filhos retirada” (Norell, 2011, p.228). Tal fato sem que percebessem as possíveis consequências nefastas para Frida e seus filhos.

Em nenhum dos prontuários médicos, conforme afirma Norell (2012), referentes à Frida havia diagnóstico de que sofria de algum distúrbio mental. Os diagnósticos eram de irritabilidade, teimosia e apresentação de tremores. Como resultado dos exames, a única doença constatada foi de hipertireoidismo. No prontuário de sua primeira internação de 12.01.1935, consta que pesava em torno de 63kg, estava consciente de espaço, tempo e de sua própria identidade, mas seu quadro passa a se agravar com o tempo, morre em 1940 pesando 23kg. Passa a ser medicada e tratada como louca, uma loucura construída para afasta-la da liderança da igreja, bem como das demais mulheres assembleianas. Desde então, ao longo de mais de 80 anos houve um processo de apagamento da memória de Frida Maria Strandberg e de suas atividades no Brasil na história oficial das Assembleias de Deus.

A teologia que domina

Revista Cultura & Religión Vol. XI, 2017 Nº 1 (enero-junio)

Cómo citar este artículo: Vilhena, V.C. (2017). “Fridas, Flórias e os ‘homens de Deus’ no início do movimento pentecostal brasileiro: uma teologia de dominação”. *Revista Cultura & Religión*. Vol. 11(1). pp. 48-68.

A moralidade cristã, como demonstra Wayne A. Meeks (1997, p. 130 ss), gerada nos dois primeiros séculos de nossa Era, sob influência platônica, encontrou no corpo a fonte dos dilemas morais. Parecia então que os seres humanos “*eram prisioneiros*” ou “*estavam enterrados em corpos*”. Essa perspectiva já estava presente nas obras de Filon de Alexandria, em alguns textos paulinos, nas tendências posteriores dos valentinianos até atingir o seu mais alto grau de sistematização teológica em Santo Agostinho. Para os valentinianos, por exemplo, o corpo feminino era fonte de “poder e perigo” como comenta Meeks (1997, p.138). Portanto, os desejos e paixões eram vistos como ameaça à uma vida cristã estável e normal. Daí a determinação de Paulo (1ª Tessalonicenses 7.8-9) “é bom [ao homem] não tocar em mulher”. Na literatura cristã daquele período, canônica ou extracanônica, a busca da santidade no corpo e no espírito implicava no abandono, temporário ou não, das relações sexuais. Portanto, voltamos quinze séculos para fundamentar a nossa suspeita de que há tempos os preconceitos, injustiças e exclusão das mulheres de funções hegemônicas na Igreja têm muito a ver com a sistematização teológica de Agostinho. Sobre ele e outros teólogos escreveu Ivone Gebara (2000): “A teologia deles foi construída a partir de uma visão antropológica que considera o ser feminino como um ser menos perfeito, mais apto a decair”. (Gebara, 2000, p. 119).

Contudo, a vida pregressa de Agostinho, antes de sua conversão esteve ligada a uma vida moral considerada por ele, posteriormente, como uma vida de pecado. Desde 371 Agostinho viveu com uma mulher em uma união estável por 14 anos. Era uma mulher de classe social abaixo da dele. Portanto, conforme as leis do Império Romano, muito bem estudadas por Gabriel Del Estal (1999), Agostinho não poderia se casar com essa concubina de juventude, embora tivesse com ela um filho que recebeu o nome de Adeodato.

Em 385 eles se separaram a despeito das declarações de amor de ambas as partes. Dois anos depois Agostinho se batizou na Igreja cristã e, em 391, foi ordenado sacerdote. Nessa volta ao pensamento de Agostinho Muito anterior ao Renascimento, Agostinho de Hipona, conhecido universalmente como Santo Agostinho, filho de Mônica, a santa Mônica, sistematiza tanto a naturalização da suposta inferiorização das mulheres como a demonização do corpo e do desejo, especialmente os das mulheres fortalecendo a misoginia. Assim, a proposta é demonstrar que apesar dessa moralidade estar presente na Igreja em toda a Idade Média sempre houve mulheres que, individual ou coletivamente, na teoria ou na prática, sempre se insubordinaram ao destino para elas traçado de marginalização e inferiorização. Aqui repousa a nossa suspeita de que os atos contidos na trajetória de vida de Frida representaram na visão de seus antagonistas “um atentado” às regras de pureza e aos ideais de perfeição pregados pelo Movimento de Santidade fortemente incrustado na maior parte dos Pentecostalismos. Além do mais, esse possível “adultério”⁴ de Frida teria sido a gota d’água que faltava para se livrarem da presença de Frida entre eles no Brasil.

⁴ Adultério estará em aspas porque o casal já estava separado de corpos. Cada qual tinha o seu quarto.

A despeito das dúvidas quanto à originalidade da carta não é uma dúvida apenas da resenhista, pois, há muitos casos de anacronismo no texto em que é colocada na visão de Flória Emília uma visão de mundo somente possível nos séculos XIX e XX com a divulgação das teorias freudianas, e com o aparecimento das questões de gênero.

No entanto, se reconhece que a visão proposta pela presumida carta da concubina de juventude de Agostinho pode servir para alimentar um debate sobre o pensamento e a teologia de Santo Agostinho sobre a moralidade cristã, a despeito da passagem de mais de um milênio e meio de sua morte.

E para nosso recorte julgamos interessante e enriquecedor para o debate a respeito de Frida e a moralidade assembleiana da teologia de dominação olhar sob uma perspectiva de gênero, pequenas partes dessa Carta de Flória Emília em resposta às interpretações teológicas de Agostinho sobre o corpo e o sexo em seu escrito “*Confissões*” em que descreve um jovem lutando contra os desejos naturais de seu corpo.

Deixamos de lado, no entanto, as discussões sobre a narrativa ficcional da suposta carta para concentrarmos nas concepções de Agostinho e na visão de mundo que aparece na personagem trabalhada ao longo do texto publicado por Jostean Gaarder.

Santo Agostinho, o príncipe de Hipona

A obra *Confissões*⁵ de Santo Agostinho (1990), escrita entre os anos de 397 e 398 é uma de suas principais obras e talvez a mais conhecida. Trata-se de uma autobiografia na qual relata momentos de sua vida antes de se converter ao cristianismo, mas que se tornou para os cristãos, durante a Idade Média, uma das principais obras de fundamentação teológica no controle do sexo mudando a consciência moral do Ocidente.

Segundo Uta Ranke-Heinemann (1996), Agostinho “foi o homem que fundiu o cristianismo com o ódio ao sexo e ao prazer numa unidade sistemática foi o maior dos Padres da Igreja” (p.88). Sua obra faz ressurgir toda uma época, recebendo a marca da transição da cultura greco-romana para o Classicismo⁶, que sofreu forte influência do Cristianismo, influenciando os maiores teólogos medievais, como Tomás de Aquino (1274). Agostinho, especialmente em sua obra *Confissões* foi o grande responsável pelo processo da dessexualização do amor, pelo desprezo do sexo que passou a ser difundido em todo o Ocidente, e, sobretudo ele “Associou a transmissão do pecado original, que desempenha enorme papel em seu sistema de redenção, com o prazer da relação sexual.” (Ranke-Heinemann, 1996, p. 89).

⁵ https://sumateologica.files.wordpress.com/2009/07/santo_agostinho_-_confissoes.pdf

<http://leianatela.blogspot.com.br/2011/04/confissoes-de-santo-agostinho.html>

⁶ O classicismo é um movimento cultural que valoriza e resgata elementos artísticos da cultura clássica (greco-romana), tanto nas artes plásticas, teatro e literatura, o classicismo ocorreu no período do Renascimento Cultural (séculos XIV ao XVI). www.suapesquisa.com/artesliteratura/classicismo.htm

O pecado original é uma doutrina cristã (não existe nem no judaísmo, nem no islamismo) que explica o sofrimento, o mal e a imperfeição humana através da queda do homem. Ao concretizar o afastamento do homem de seu Criador, a desobediência fundante teria provocado o início da transmissão desse pecado para todos os descendentes de Adão e Eva. Nesse sentido a doutrina de Agostinho sobre o pecado original pode ser considerada devastadora para a humanidade porque ensina que ao caírem Adão e Eva se cobriram e se sentiram envergonhados porque foi por meio de seus órgãos genitais que o pecado inicial foi transmitido. Assim, por meio do sexo é que continua sua transmissão às criancinhas e conseqüentemente à todas as pessoas. Ranke-Heinemann (1996, p.90) registra que “segundo Agostinho, a relação sexual, ou mais precisamente o prazer sexual, é o que transmite o pecado original continuamente, de geração a geração”.

A partir dessa premissa Jesus Cristo foi gerado sem qualquer prazer carnal, para assim estar garantido nele a não transmissão do pecado original. Estava aí criado o elo entre pecado e prazer na doutrina cristã. E, quando se controla o corpo e seus prazeres fica muito mais fácil controlar toda a sociedade (Louro, 1997).

Segundo Le Goff (2006), o dogma do pecado original teria contribuído para aumentar o poder de controle da Igreja sobre a vida sexual, na Idade Média. Eva ao ceder à tentação de comer o fruto e oferecer a Adão que também aceitou experimentar transmitiu, de forma congênita e hereditária, o pecado para toda a humanidade.

Para Agostinho só Jesus ficou livre do pecado original por ter vindo ao mundo sem ato sexual pela concepção virginal de Maria. Para Ranke-Heinemann (1996), Agostinho criou uma moralidade cristã hostil ao sexo e às mulheres, repleta de medo ao prazer sexual, pois iguala prazer com perdição.

A contestação da teologia agostiniana na “Carta de Flória”

A Carta de Flória, concubina e mãe do único filho do casal, é usada neste texto como um bom exemplo de como se deu a transição da moralidade greco-romana-cristã para uma cultura universal cristã no que concerne ao corpo, especialmente das mulheres, e que perpassa toda a Idade Média e se perpetua até nossos dias.

Em muitos aspectos, as ações tomadas diante das escolhas de Frida demonstraram o quanto a moral evangélica cristã ainda se apresenta tão medieval em relação às mulheres. Bispos e teólogos defendiam que a mulher era um ser inferior e, portanto, não podia exercer funções de poder e devia aos homens obediência. A concepção do gênero feminino tal como temos hoje é, portanto, fruto de um longo processo social contruído, do qual destacamos a tradição judaico-cristã, arquitetada no Ocidente. Monique Alexandre (1990, p. 511) cita Tertuliano, em “O adorno das mulheres”, dando destaque para a punição de Eva que atingirá todas as mulheres: Tu dás à luz na dor e na angústia mulher; sofres a atração do teu marido

Revista Cultura & Religión Vol. XI, 2017 N° 1 (enero-junio)

Cómo citar este artículo: Vilhena, V.C. (2017). “Fridas, Flórias e os ‘homens de Deus’ no início do movimento pentecostal brasileiro: uma teologia de dominação”. *Revista Cultura & Religión*. Vol. 11(I). pp. 48-68.

e ele é teu senhor. E ignoras que Eva és tu? Está viva ainda, neste mundo a sentença de Deus contra o teu sexo. Vive, como se impõe, como acusada. És tu a porta do diabo. Foste tu que quebraste o selo da Árvore; foste a primeira a desertar a lei divina; foste tu que iludiste aquele que o diabo não pôde atacar; foste tu que tão facilmente venceste o homem, imagem de Deus. Foi a tua paga, a morte, que causou a morte do próprio Filho de Deus.

Eva, “a mãe de todos os vivos” é a culpada pela queda do homem e de todo mal e todas as mulheres são consideradas Evas. Por isso para Maria é construído pela Igreja Católica uma maternidade divina e virginal, imaculada concepção. Uma Maria sobrenatural e por tirá-la sua humanidade Schott (1996) afirma: “dado que a santificação do nascimento virginal contrastava com a experiência de mulheres reais, o culto de Maria não elevou a posição das mulheres, mas deu mais bases para a sua subordinação.” (Schott, 1996, p. 84)

Flória Emília, a concubina

Tremo, pois temo o dia que virá quando mulheres como eu serão liquidadas pelos homens da Igreja universal. E por que serão liquidadas, Excelência Reverendíssima? Porque lembram a vocês o fato de terem renegado suas próprias almas e seus próprios dons. E em nome de quê? De um Deus, dizem vocês todos, daquele que criou um céu acima de vocês e também uma terra onde realmente estão as mulheres que os trazem ao mundo. (Gaarder, 1997, p.219). E ainda: “Sou assediada pelo medo, Aurel. Tenho medo daquilo que os homens da Igreja possam um dia fazer a mulheres como eu”. (Gaarder, 1997, p.219) Flória Emília pode funcionar como um tipo ideal que cristaliza em si mesma uma moral medieval que atravessou séculos, chegando aos evangélicos em geral e, especialmente, nos pentecostais de nossa época. O conteúdo dessa carta apresenta a marca indelével que Santo Agostinho deixou em toda a Idade Média e na qual atravessou a contemporaneidade em relação aos “prazeres da carne” do Ocidente cristianizado.

Agostinho e Flória se conheceram quando ambos tinham dezenove anos. Era costume na época os homens terem concubinas antes de se casarem. Em *Confissões*, ele relata que estava afeiçoadíssimo à concubina e com ela teve um filho, Adeodato. Após 12 anos de relacionamento e um filho fruto dessa relação, ele rompe com Flória. Havia uma pretendente, arranjada por Mônica, mas ainda muito nova de idade, ou seja, Agostinho deveria esperar que ela crescesse para se casar, no entanto a família da menina pretendente exigiu o fim do relacionamento com Flória.

A personagem Flória teria escrito essa carta com muita dor por ter vivido o sofrimento da separação do seu grande amor e também de seu amado filho Adeodato. Considerava que sua relação com Santo Agostinho, a quem ela chama de Aurel, não havia sido leviana e passageira como era costume da época para os rapazes antes de se casarem, mas era prática comum para as meninas pobres que não possuíam dote para o casamento. Na produção da carta, Flória diz não estar mais ressentida, mas com muita lástima por Agostinho

Revista Cultura & Religi3n Vol. XI, 2017 N3 1 (enero-junio)

C3mo citar este art3culo: Vilhena, V.C. (2017). “Fridas, Fl3rias e os ‘homens de Deus’ no in3cio do movimento pentecostal brasileiro: uma teologia de domina33n”. *Revista Cultura & Religi3n*. Vol. 11(1). pp. 48-68.

ter desenvolvido uma crença em que Deus desejava a castidade que o havia levado a amar mais a salvação da alma do que a ela e a ele próprio. Ela ironiza Agostinho ao discorrer sobre a grande infidelidade a si mesmo, isto é, sobre o abandono da pessoa amada para salvar sua própria alma. Flória, segundo Gaarder (1997), se interna em um convento, diz ter lido tudo sobre filosofia para torna-se culta com o intento de não somente fazer uso de expressões filosóficas, mas para compreender o princípio filosófico de Agostinho, especialmente seu pensamento de ter o dever de não amar uma mulher.

Flória tinha plena consciência que ele a tinha abandonado em função de sua carreira eclesiástica, status e poder. Ela sabe que ele era um homem de grandes influências, mesmo assim, não se sentia intimidada para argumentar, discordar e refletir sobre suas confissões. Flória afirmou que não escreveu somente para ele, mas para toda a Igreja cristã. Em relação ao seu grande poder de influência, ela diz: “Devo admitir que esse pensamento me alarma, mas peço a Deus que uma voz de mulher possa também ser ouvida pelos homens da Igreja” (Gaarder, 1997, p. 45).

Afirma estar espantada ao reconhecer que toda sua teologia era maniqueísta e não do nazareno. Sobre o filho que havia ficado com Agostinho, não foi sem muito sofrimento tal resolução, ao contrário, Flória demonstra muita dor dizendo que deu à luz, alimentou-o em seu seio, amava-o e que sua dor foi agonizante. Porém, foi obrigada a deixá-lo.

Flória não teve alternativa, até porque sem Aurel ao seu lado não teria como sustentá-lo, e ressalta: “Acho que foi um grego que disse que a justiça é feita entre iguais”. (Gaarder, 1997, p. 38). Deste modo, Flória demonstra seu senso de que foi fortemente injustiçada ao ser obrigada a separar-se de seu único filho. Quando da morte do menino Adeodato Agostinho escreve no livro *Nono* a respeito de seu filho “o fruto de meu pecado” e sobre isso Flória o refuta veementemente:

Deverias ter vergonha de ti mesmo, Aurel, tu que lhes deste o nome de Adeodato! [aquele que é dado por Deus] Ou crês que Deus aniquilou o menino para ajudar-te em tua carreira de padre e bispo? Que ele tenha misericórdia de tuas ilusões! (Gaarder, 1997, p.38-39)

Flória Emília representa um dos mais lindos e antigos símbolos da insubmissão feminina⁷. Nessa fala ela provoca e corrige o grande teólogo do cristianismo ao relatar de que modo e quando se conheceram deixando a impressão de que o cristianismo cerceou, reprimiu e, de fato, diminuiu a liberdade das mulheres. Após Agostinho converter-se ao

⁷ Vários momentos de insubmissão são constatados na vida de Frida, por exemplo, sua luta para voltar ao Brasil esbarrava em sua crença de ter a bênção do ministério, ou seja, da liderança da igreja em Estocolmo, mas conforme suas tentativas vão se esgotando tanto em argumentos racionais quanto em condições financeiras, ela decide desobedecer e voltar ao Brasil com seus filhos. Alguns irmãos da igreja a impediram literalmente na estação de trem pegando-a pelo braço, detendo seus filhos e retendo suas malas. Daí por diante, passa a ‘dominar’ sua vida e a trata-la como louca.

cristianismo, Flória diz não ter observado problemas verdadeiros em suas interpretações até que ele começou, entre outras coisas, a chama-la de Eva e os segredos da intimidade do casal de “concupiscências” ou “ânsias do prazer” e ainda a vangloriar-se por isso. Neste sentido, reafirma: Não, não creio em tal Deus, Excelência Reverendíssima. (...) Não, não creio em um Deus que exija sacrifícios humanos. Não, não creio em um Deus que destrua a vida de uma mulher para salvar a alma de um homem. (Gaarden, 1997, p. 85)

Ela, através deste texto ficcional, denuncia como a teologia de dominação patriarcal incute e incutiu no cristianismo a culpa e o medo⁸. E tanto o conhecimento das Confissões, quanto a apresentação da contestação de tais ‘confissões’ importam para este trabalho dar sentido e contextualização das doutrinas e ideologias cristãs que permearam a vida de milhares de pessoas no decorrer de um grande período da história, conhecido como Idade Média atravessando e rasgando trajetórias de vida até os nossos dias, fazendo que reconheçamos a importância que deve ser dada às questões de gênero e seu embricamento com a religião. A religião foi sempre um meio importante para a redefinição da questão de gênero na história. Analisar os discursos que estruturam as diferenças entre os sexos e que permeiam as relações sociais e, por conseguinte a definição de políticas está posto e se constrói em momentos históricos. Gênero permite também historicizar paradigmas que estruturam relações assimétricas. (Scott, 1991).

Estudar a história de mulheres ou das trajetórias de vida de mulheres, na perspectiva de gênero é desvelar os dispositivos da construção de uma inferioridade feminina e, imbricada com a religião ou com o discurso religioso; é perceber como o sistema de crença como produção cultural, articula e se fixa, sem neutralidade, legitimando condutas, regras, valores e produção de verdades com aspiração universal.

Relações sociais, relações de poder

Como foi tratado o caso amoroso de Frida Maria Strandberg com um jovem da igreja do Rio de Janeiro revelam estratégias de poder criadas que não estão diretamente na instituição igreja, mas está presente nas relações e nas estratégias criadas em nome dessas instituições para calar, fazer confessar, controlar, castigar, reprimir, julgar a quem se determina sujeito desse poder dominador. Encontraram o argumento que faltava para tirarem definitivamente Frida da frente dos trabalhos da igreja. Mesmo porque ela era um perigo, um mal exemplo para as demais mulheres, mesmo porque cada vez mais, seja nos EUA, seja na Europa as mulheres cresciam em atuações cada vez mais proeminentes na igreja. Era preciso

⁸ A este respeito é muito importante ler e conhecer as obras: DELUMEAU, Jean. O pecado e o medo: a culpabilização no ocidente (Séculos 13-18) e História do Medo no Ocidente do mesmo autor, entre outros.

evitar tal avanço no Brasil e Nyström encontrou o apoio necessário, bem como o argumento definitivo.

A carta de Nyström para Pethrus, em 1932, deixa clara a relação extraconjugal de Frida com o jovem da igreja no Rio de Janeiro: “Eu exigi que o jovem não vivesse mais na casa dos Vingren e disse a Gunnar que Frida e o jovem deveriam deixar de cooperar, a fim de colocar uma tampa sobre o escândalo”. (Norell, 2011, p. 273).

Parece que a situação era de certa forma resolvida entre o casal, mas por exigência de Nyström, Vingren pediu a Frida que mandasse o rapaz embora e Frida atende ao pedido. Nyström enfatiza: “Eu só exigi que ela parasse de qualquer forma de trabalhar com este jovem. Temos escândalos suficientes neste país. Também deve-se proteger o jovem, porque não se deve brincar com os sentimentos de seu povo”. (Norell, 2011, p. 273). Portanto, o jovem morava na casa de Frida (possivelmente após a unificação do jornal) e o casal, Frida e Gunnar estavam separados de corpos, cada um tinha o seu quarto nessa ocasião. Atentemos aqui para o período e a dificuldade de se realizar um divórcio sem que não houvesse um escândalo ainda maior, especialmente tratando-se da liderança da igreja. O cuidado de Nyström com o rapaz também é revelador: “deve-se proteger o jovem” e foi o que se fez. A partir daí, faz-se de tudo. Proteger o rapaz e punir Frida foi uma missão à parte para Nyström. Dois pesos e duas medidas para o mesmo “delito” em que um homem e uma mulher estão envolvidos; como a mulher adúltera que foi levada até Jesus, sozinha, para ser apedrejada.

Norell (2011) afirma que, de acordo com Nyström, o jovem havia proposto casamento a Frida, sabendo que Vingren estava mal de saúde e podia não viver muito mais tempo. Frida tinha papel preponderante na igreja do Rio de Janeiro; nesta situação, o escândalo estava posto. Tudo que seus inimigos, contrários ao ministério feminino, desejavam era apanhá-la em alguma fraqueza. Ela ficou vulnerável, mas independentemente do adultério, duas questões estão postas: como trataram o jovem diferentemente de Frida e por que a impediram de voltar ao Brasil sendo viúva?

A questão principal, portanto, não é o adultério em si, mas como homens e mulheres são tratados de forma diferenciada na sociedade patriarcal brasileira em que as igrejas cristãs pentecostais estão inseridas. Mesmo viúva, assim que Frida começa a se articular para voltar ao Brasil, Nyström começa a trabalhar, para que ela não retorne. O despotismo é tão claro, que ele passa a controlar a vida pessoal de Frida, mesmo viúva e à distância. Interpõe-se entre o jovem e Frida, e deliberadamente resolve sobre a vida dos dois, a partir do que ele, Nyström, achava melhor. Interpela lendo as cartas que Frida enviava ao jovem⁹.

⁹ Não há notícias no Brasil de tais cartas, mas a família de Frida guarda suas correspondências e pelo que consta trocaram inclusive presentes o que deixou Nyström furioso.

O jovem (confirmada nossa hipótese de ser Carlos Brito) continuou com seu papel na expansão da igreja no Rio de Janeiro, formou-se em direito e, por essa razão, ocupou vários cargos, mas não desenvolveu uma carreira de destaque. Porém, a vida de Frida foi brutalmente interrompida. Norell (2011) escreveu que, além do escândalo de Frida, havia outros casos de comportamentos sexuais inadequados que voltaram nesse momento à tona. Mas no caso de um dos envolvidos ser o próprio Nyström, bastou uma carta a Pethrus e tudo ficou resolvido. Sobre o ocorrido em sua vida pessoal, Nyström trata como intriga criada por Frida e a história não segue adiante. No entanto, Frida foi proibida de voltar, de reatar seu relacionamento amoroso e sofre, por fim, internações compulsórias em hospitais psiquiátricos.

A rede de fofocas liderada por Nyström entre os homens suecos e brasileiros para deliberarem sobre a vida de Frida é muito forte e eficiente. Morando e dirigindo a igreja do Rio de Janeiro no lugar de Frida e Vingren, Nyström é avisado da intenção de Frida de retornar ao Brasil, então ele viaja para a Suécia, na tentativa desenfreada de impedir Frida de retornar. Nyström age de forma controladora e centralizadora, definindo os espaços que as mulheres podiam ou não utilizar, quais ocupações podiam ter, o quanto podiam fazer – tudo isso ele pensava estar sob seu controle. De fato, após eliminarem Frida do cenário do Movimento Pentecostal brasileiro fizeram com que todas as mulheres assembleianas não tivessem outra opção, a não ser obedecer a ordem dada. Neste sentido, Deus só poderia dar às mulheres uma missão à medida que os homens permitissem. Nyström criou e fez uso dessa rede de fofocas, que pode ser olhada com maior profundidade enquanto fenômeno social garantidor das redes de relações e integrações ou desintegrações. Conforme Norbert (2000), a fofoca pode servir a propósitos bastante diferenciados, inclusive como forma de destruir a imagem de determinada pessoa, criando um elo de solidariedade, reunindo pessoas em torno de uma causa que requer apoio de todo o grupo.

Neste caso, a fofoca ajudou a manter o poder do grupo social dos homens, enquanto as mulheres “aprenderiam” qual seriam seu lugar e papel, a partir da derrubada de Frida. Assim como nada escapa ao olhar panóptico da vizinhança e dos mecanismos de coerção social sobre o indivíduo (Foucault 1987), aqui nada escapa ao olhar panóptico dos pastores, especialmente de Nyström. A fofoca ganha importância não só como forma de controle, mas também de socialização, como meio de encontro de pessoas rivais, unidas mesmo que temporariamente, na trama do dia a dia, no espaço de atuação. Assim sendo, articulam-se as próprias estruturas de poder, deslocando, para os dispositivos e os procedimentos técnicos, “instrumentalidades menores” capazes de “disciplinar” e de gerir, diferenciar, classificar, hierarquizar. Estas estratégias, que se tornaram mecanismos de poder e dominação, produziram nos discursos reguladores referentes à Frida, a mulher histérica, louca.

Nyström surpreendeu-se com o fato de Frida rapidamente demonstrar que não era somente “esposa” de um dos fundadores, mas uma líder, uma pastora, pregadora, além de ter habilidades com a escrita e com a música. Uma mulher capaz, inteligente, que sabia liderar,

Revista Cultura & Religión Vol. XI, 2017 Nº 1 (enero-junio)

Cómo citar este artículo: Vilhena, V.C. (2017). “Fridas, Flórias e os ‘homens de Deus’ no início do movimento pentecostal brasileiro: uma teologia de dominação”. *Revista Cultura & Religión*. Vol. 11(1). pp. 48-68.

escrever, tocar, pregar não poderia em nenhuma hipótese voltar. Os homens, construtores das religiões, não são os únicos protagonistas, mas agem como tal separando para as mulheres à subalternidade. De acordo com as ideias foucaultianas, o prazer é negado e condenável, principalmente para as mulheres que não estão livres para o prazer, mas para a reprodução e tais preceitos trazem maior rigor no controlo das ações dos indivíduos. Seu caso amoroso, mesmo viúva é usado para impedir sua atuação na igreja brasileira.

Norell (2011) afirma que Frida era uma ameaça direta ao orgulho de Nyström, mas ele ganhou facilmente apoio dos pastores brasileiros e dos demais missionários contra Frida e as demais mulheres. Todos e todas nós, como afirma Ivone Gebara (2000:144), “somos o que pudemos fazer do que fizeram de nós”. Somos frutos decorrentes de gerações e de diferentes processos sociais através dos quais as mulheres ficaram em extrema desvantagem contrapondo-se aos privilégios masculinos historicamente perpetuados. E dentro das construções se dão as relações. Como bem colocou Helleieth Saffioti (1987), “nenhuma relação social se passa fora da estrutura”. Todas elas obedecem às normas que estruturam a sociedade por inteiro.

Frida dá uma mostra do que pode acontecer às mulheres que quebram as regras: podem ser silenciadas! Mesmo submissa a uma liderança masculina, ela interveio no sistema, em sua concepção, por uma causa maior, a pregação do evangelho pelo movimento pentecostal. Há registros na história do pentecostalismo de mulheres que assumiram efetivamente a liderança e o comando de comunidades inteiras nos primórdios, mas que atualmente são impedidas de estarem no comando. Elas abrem comunidades e depois de instituídas devem entregar aos homens e as mesmas passam a ser missionárias, logo não participam das esferas de decisões da igreja que foram por elas iniciadas. Tal dominação passa pela veia bourdieuana (1999) de que a ordem masculina do cosmos se corporifica, isto é, o corpo é o lugar onde se inscrevem as disputas pelo poder, é nele que nosso capital cultural está inscrito, é nele que nos identificamos assim que nascemos. Consequentemente, nosso sexo define se seremos dominados ou dominadores, deixando vítimas homens e mulheres. Nosso cotidiano desvela a dominação de gênero. Nas atividades mais triviais visualizamos a naturalização dos privilégios masculinos sobre sujeitos sociais dominados, as mulheres.

Considerações finais

Intentamos neste artigo demonstrar pela trajetória de vida de Frida Maria Strandberg e da personagem fictícia Flória Emília, que apesar dessa teologia de dominação imposta na Igreja, sistematizada desde o início da Idade Média, por santo Agostinho, sempre houve mulheres que, individual ou coletivamente, na teoria ou na prática, se insubordinaram aos projetos para elas traçados de marginalização e inferiorização. Na contramão da história dos vencedores nós escolhemos a perspectiva da “história dos vencidos” (Le Goff, 2006). Vencedores, sejam eles reis, faraós, imperadores ou pastores-presidente podem determinar a

Revista Cultura & Religión Vol. XI, 2017 N° 1 (enero-junio)

Cómo citar este artículo: Vilhena, V.C. (2017). “Fridas, Flórias e os ‘homens de Deus’ no início do movimento pentecostal brasileiro: uma teologia de dominação”. *Revista Cultura & Religión*. Vol. 11(1). pp. 48-68.

verdade porque detêm o poder. Frida Maria Strandberg é a incisão ou a cicatriz nessa história - ela foi vencida.

Procuramos indicar os mecanismos do silenciamento-apagamento na trajetória de vida de Frida Maria, porque são através deles que se dá o exercício de quem mantém o poder: “silenciar é uma estratégia de impedimento” Foucault (2001). A perspectiva relacional de Gênero foi utilizada para desvelar os diferentes papéis sociais de homens e mulheres, denunciar atitudes pré-determinadas, tanto para homens quanto para mulheres, que explicam e não justificam a perpetuação das violências simbólicas e materializadas contra as mulheres, especificamente as mulheres assembleianas.

O campo discursivo das igrejas, especialmente as teologias, as práticas exigidas e esperadas para homens de mando e para as mulheres de obediência, além do ambiente familiar construído pelo modelo nuclear são propícios para uma manifestação religiosa de interpretação patriarcal que garantem a desigualdade de gênero e a perpetuação das violências. Esta análise foi também apontada quando retornamos ao pensamento teológico de Agostinho a respeito da moralidade, da ligação do pecado original pela relação sexual, vista como disseminadora do pecado cometido por Adão e Eva.

Frida uma mulher imperfeita. A mulher imperfeita é apontada para que sua humanidade seja reconhecida. Frida não foi considerada exemplo a seguir e, talvez nunca tivesse tido essa intenção, pois soube reconhecer seus erros e acertos. Sobretudo, precisamos reconhecer o peso da opressão sofrida por Frida e não cair em julgamentos apressados. Assim sendo, conclui-se que quaisquer instituições dentro de uma sociedade patriarcal e desigual passa a ser espaço possível de perpetuação e reprodução das violências de gênero contra as mulheres. É imprescindível que todas as mulheres e homens se conscientizem de que a religião, especificamente em nosso recorte Ocidental, latino colonizado e cristianizado, a partir de tantas explorações, encerre em si, variadas contradições que necessitam ser revistas para que possa cumprir sua principal mensagem – o amor. Para que assim como humanidade possamos contribuir para o crescimento da justiça para todos e todas.

Referências

- Alexandre, M. (1990). *Do Anúncio Do Reino À Igreja: Papéis, Ministérios, Poderes Femininos*. In: Duby, G; Perrot, M. (Org.). *História Das Mulheres No Ocidente*. Porto: Edições Afrontamento Ltda. (S.D.). Vol. L: A Antiguidade. pp.511-563.
- Agostinho. (1990). *Confissões, Iv, 2*. 10ªed. Petrópolis: Vozes.
- Bourdieu, P. (1999). *A Dominação Masculina*. Rio De Janeiro: Bertrand Brasil.
- Del Estal, G. (1999). *Santo Agostinho E Sua Concubina De Juventude*. São Paulo: Paulus.
- Delumeau, J. (2003). O Pecado E O Medo: A Culpabilização No Ocidente. *Séculos* 13(18). Bauro: Edusc.
- Delumeau, J. (2009). *História Do Medo No Ocidente*. São Paulo: Companhia Das Letras.
- Foucault, M. (2001). *História Da Sexualidade I: A Vontade De Saber*. Rio De Janeiro: Graal.

Revista Cultura & Religi3n Vol. XI, 2017 N3 1 (enero-junio)

C3mo citar este art3culo: Vilhena, V.C. (2017). “Fridas, Fl3rias e os ‘homens de Deus’ no in3cio do movimento pentecostal brasileiro: uma teologia de domina33o”. *Revista Cultura & Religi3n*. Vol. 11(1). pp. 48-68.

- Gaarder, J. (1997). *Vita Brevis*. São Paulo: Companhia Das Letras.
- Gebara, I. (2000). *Rompendo O Silêncio: Uma Fenomenologia Feminista Do Mal*. Petrópolis, Rj: Vozes.
- Geertz, C. (1989). *A Interpretação Das Culturas*. Rio De Janeiro: Ltc.
- Le Goff, J. & Fruong, N. (2006). *Uma História Do Corpo Na Idade Média*. Rio De Janeiro: Civilização Brasileira.
- Meeks, W. A. (1997). *As Origens Da Moralidade Cristã – Os Dois Primeiros Séculos*. São Paulo: Paulinas.
- Norell, K. (2011). *Halleluja Brasilien! Em Resa Till Knarkgängens, Favelas Och Den Helige Andens Land*. Stockholm: Ed. Bladh By Bladh.
- Ranke-Heinemann, U. (1996). *Eunucos Pelo Reino De Deus- Mulheres, Sexualidade E A Igreja Católica*. 3ªed. Rio De Janeiro: Editora Rosa Dos Tempos.
- Saffioti, H. I. B. (1987). *O Poder Do Macho*. 2. Ed. São Paulo: Moderna.
- Schott, R. (1996). *Eros E Os Processos Cognitivos: Uma Crítica Da Objetividade Em Filosofia*. Rio De Janeiro: Record E Rosa Dos Tempos.
- Scott, J. (1991). *Gênero: Uma Categoria Útil Para Análise Histórica*. Recife: S.O.S. Corpo.

Jornais

Mensageiro Da Paz, Rj, de 1931-1932.

Revista Cultura & Religi3n Vol. XI, 2017 N3 1 (enero-junio)

C3mo citar este art3culo: Vilhena, V.C. (2017). “Fridas, Fl3rias e os ‘homens de Deus’ no in3cio do movimento pentecostal brasileiro: uma teologia de domina33n”. *Revista Cultura & Religi3n*. Vol. 11(I). pp. 48-68.